

Quem é esse Homem? O início do ministério de Jesus



Craig L. Blomberg, Ph.D.

*Experience: Distinguished Professor of New Testament Studies
at Denver Seminary in Littleton, Colorado*

I. Introdução ao ministério terreno de Jesus

A. A experiência no deserto

Após ser batizado por João, Jesus adentra mais o deserto. Era possível esperar que Ele embarcasse imediatamente em Sua fase mais pública e popular de ministério depois desse comissionamento.

Em vez disso, lemos nos versículos iniciais de Mateus 4 e Lucas 4 que Deus permitiu que Ele fosse testado por Satanás, a famosa tentação de Jesus após quarenta dias de Sua peregrinação pelo deserto da Judeia.

É interessante notar os três tipos específicos de tentações descritos aqui por Mateus e Lucas. Jesus é incentivado a transformar milagrosamente pedras em pão para satisfazer Sua fome; a receber todos os reinos do mundo como recompensa à adoração ao diabo; e a jogar-se do pórtico do templo para ser sobrenaturalmente resgatado por anjos. Todas essas tentações testam e tentam Jesus a desviar-se do caminho da cruz e assumir uma abordagem puramente triunfalista do Seu ministério, a qual ainda teria comprometido a Sua missão fatalmente.

B. Três tentações humanas

É também interessante comparar essas três tentações com as descrições de toda a gama de tentações humanas ao pecado em 1 João 2.16, lá descrita como a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida. Há também uma correspondência bastante estreita com os elementos que tentaram Adão e Eva no Jardim em Gênesis 3.6, quando aquele primeiro casal viu que o fruto proibido era desejável, agradável aos olhos e capaz de torna-los sábios.

Parece, portanto, que as tentações de Jesus nos ensinam o que o escritor de Hebreus apresenta mais didaticamente em 2.17-18 — que Cristo foi tentado como nós mesmos em todos os sentidos, mas sem pecado. Devido a isso, Ele é capaz de interceder por nós e de compadecer-se das nossas fraquezas, em qualquer forma de tentação humana que experimentamos.

II. O ministério inicial de Jesus

Depois das tentações, o ministério público de Jesus tem início; mas, como dissemos na unidade anterior, a fase inicial do Seu ministério ainda é, em grande parte, de obscuridade, em que Ele não é bem conhecido por todas as massas de Israel. Essa fase do ministério de Jesus é descrita com exclusividade no Evangelho de João, capítulos 2-4.

A. Os primeiros discípulos de Jesus (João 1)

João 1, ao qual já aludimos no contexto de João Batista, fornece mais informações acerca dos primeiros discípulos de Jesus. Ali, vários são mencionados nominalmente: Simão Pedro, André, Filipe e Natanael, muitas vezes igualado ao Bartolomeu das listas dos Evangelhos Sinópticos. Da segunda metade de João 1 aprendemos que nem todos os discípulos foram chamados por Ele pela primeira vez de uma hora para a outra, sem qualquer contato anterior com Ele, como se poderia pensar ao ler apenas os Evangelhos Sinópticos.

B. De Caná a Caná (João 2-4)

Mas a contribuição particularmente distintiva do Evangelho de João à fase inicial do ministério público de Jesus aparece nos capítulos 2, 3 e 4. De fato, há uma unidade literária nesses capítulos pelo fato de eles começarem na cidade de Caná da Galileia e terminarem na cidade de Caná da Galileia, cada vez, com Jesus operando um milagre ali — as duas únicas referências a Caná em todos os quatro Evangelhos. Em uma breve visão geral dessa sequência de três capítulos de João 2-4, vê-se, de fato, o início do padrão que caracterizará a primeira metade do Evangelho de João de um modo mais generalizado: sinais e discursos, ou milagres e sermões, se você preferir, intercalados — muitas vezes, inter-relacionados.

Cada um desses elementos chaves de João 2-4, a fase inicial do ministério de Jesus, focaliza uma das maneiras pelas quais Jesus

está trazendo algo distintamente novo ao judaísmo e à cultura mais geral de sua época. O milagre do vinho novo, daquele vinho [que vinha] quando o vinho velho havia acabado, milagrosamente transformado de grandes jarros de água, quando interpretado à luz do próprio ensino por parábolas de Jesus em Marcos 2 e, em outro lugar, do vinho novo para odres novos, sugere o simbolismo de uma novidade trazida por Jesus à religião. Especificamente, uma nova alegria, da mesma forma que o vinho, no contexto de festividades de casamento, simbolizava alegria e júbilo para os antigos israelitas.

Prosseguindo em João 2, lemos sobre Jesus purificando o templo — aparentemente, pela perspectiva de João, um evento diferente do incidente de purificação do templo que ocorreu na última semana da vida de Jesus, conforme narrado em Mateus e Marcos. Embora alguns dos detalhes sejam semelhantes, o principal argumento em João 2 parece ser contra o templo ser usado como local de comércio, particularmente os recintos do tribunal dos gentios, projetados para ser o único lugar onde as pessoas não judias podiam ir adorar e orar a Deus. Isso também se torna uma oportunidade para Jesus predizer enigmaticamente a sua morte e ressurreição, embora João deixe claro que até mesmo os Seus seguidores não entenderam aquela fala até somente depois de aqueles eventos terem acontecido.

Em João 3, lemos acerca do famoso diálogo entre Jesus e um destacado fariseu, Nicodemos. Ali, em João 3.3 e 3.5, estão as famosas passagens sobre “nascer de novo”. Outro modo de traduzir essa mesma expressão é ser “nascido do alto”. Então, após uma nova alegria em Caná da Galileia, um novo templo e um novo local de culto, especificamente o próprio Jesus em Jerusalém na segunda metade do capítulo 2, João 3 passa a falar de um novo nascimento espiritual. O nascimento físico, a genealogia, a descendência de ancestrais não são suficientes para confirmar a religião de alguém; é necessário ter um relacionamento com Deus por intermédio de Jesus.

Após o diálogo com Nicodemos aparece também o texto muito famoso de João 3.16: “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”. João 3 continua com uma referência ao ministério de João Batista, com o reconhecimento de que o ministério de João deve cada vez dar lugar em proeminência ao de Jesus.

A seguir, no capítulo 4, vem outro diálogo muito famoso entre Jesus e a mulher no poço em Samaria; ali, Jesus se revela muito claramente como o Messias. Ele desconsidera o debate que separava judeus e samaritanos quanto à montanha em que eles deveriam adorar a Deus ao falar do dia que estava por vir, e já tinha vindo, no qual ninguém adoraria nesse monte; nem no Monte Gerizim, em Samaria, perto de onde a discussão estava ocorrendo, nem em Jerusalém, mas todos aqueles que adorassem a Deus o adorariam em espírito e em verdade.

A história acerca do diálogo de Jesus com a mulher samaritana é, talvez, mais impressionante devido à pessoa com quem Jesus estava falando. Não só ela era uma mulher com quem um homem de bem do antigo Israel não conversaria a sós em um lugar isolado (João nos diz que os discípulos haviam saído nesse momento), mas também era samaritana e João deixa claro que os judeus tinham poucas relações de intimidade com os samaritanos e faziam de tudo para evitá-los. Ela era também uma mulher com reputação imoral. Não conhecemos as circunstâncias precisas dos cinco maridos que tivera ou do homem com quem agora vivia, mas, no mínimo, ela teria tido o estigma associado a uma mulher imoral.

Jesus supera todas essas três barreiras, em marcante contraste com Sua muito menos promissora conversa com Nicodemos, que é repreendido por não entender, mesmo sendo judeu, homem e líder religioso justo, muito moral e destacado entre os judeus. O surpreendente contraste não poderia ser mais forte. Como mencionamos, João 4, em seguida, termina com outro milagre de cura — desta vez, do filho de um nobre gentio em Caná da Galileia.

Assim, as duas partes de João 4 se combinam para enfatizar a nova oferta universal de salvação que o ministério de Jesus estava trazendo. Embora Jesus ainda não seja destacado durante essa fase inicial de Seu ministério, está muito claro que Ele está trazendo algo novo através de todas essas histórias narradas em João 2-4.

III. Ministério na Galileia - Parte 1

A. Introdução

Quando, finalmente, Jesus retorna à Galileia e começa a ministrar ali regularmente de modo itinerante, durante aproximadamente um ano, ele acaba se tornando mais bem conhecido. Isso inicia a fase muito mais pública do que foi chamado Seu ano de popularidade. Como fizeram com João Batista, os escritores dos

Evangelhos Sinópticos começam com uma introdução ao resumo da mensagem de Jesus.

B. O Reino de Deus está próximo

Tanto Marcos quanto Mateus descreve Jesus como pregando, como fizera João, que o reino de Deus estava próximo. Marcos diz explicitamente em 1.14,15, que Jesus passa a mandar as pessoas se arrependerem e crerem no evangelho. Lucas, ao seu próprio modo, como mencionamos em nossa introdução a Lucas, começa sua descrição da fase pública do ministério de Jesus na Galileia descrevendo Jesus pregando em Nazaré. Os paralelos em Mateus e Marcos sugerem que isso realmente ocorreu um pouco mais adiante no ministério público de Jesus, mas Lucas o narra antes, como uma espécie de título ou introdução programática à afirmação de Jesus acerca do que Ele representava.

Lembramos aqui das palavras de Jesus citando Isaías: “O Espírito do Senhor está sobre mim... a apregoar o ano aceitável do Senhor”. Ele está proclamando libertação aos cativos, vista aos cegos, cura para muitos diferentes tipos de pessoas doentes e feridas, e boas novas aos pobres.

Podemos seguir o relato de Marcos para obter o esboço básico do ministério galileu de Jesus. Não temos tempo ou espaço para incluir referências a todos os detalhes, especialmente àqueles que aparecem nas versões complementares e mais amplas de Mateus e Lucas, mas aqui parece que Marcos está seguindo um esboço para, aproximadamente, os primeiros oito capítulos de seu Evangelho que evoluem tematicamente. Tal evolução ocorre por vezes segundo as diferentes formas de ensinamentos e ministério de Jesus. Alguns comentaristas chamaram à maior parte de Marcos 1 de um dia típico na vida de Jesus, o Curandeiro (e também, poderíamos acrescentar, Jesus, o Exorcista). Do versículo 21 até o fim desse capítulo, lemos acerca de vários milagres de cura e um de exorcismo que caracterizaram um período de 24 horas no início do ministério galileu de Jesus. Quando tratamos de milagres, uma série de perguntas se apresenta à pessoa moderna: Será que somos capazes de acreditar em histórias tão aparentemente sobrenaturais?

C. Questão de autenticidade

Se alguém está fechado por princípio para a possibilidade do milagre, com base em determinada cosmovisão, essa pessoa

procurará explicar essas histórias de algum outro modo. Talvez a explicação alternativa mais comum seja que elas são mitos, semelhantes aos conhecidos mitos da Grécia e Roma antigas. Mas, de fato, aqueles mitos tratavam principalmente de deuses ou deusas de séculos passados, que não tomaram a forma humana; e aqueles que envolveram seres humanos ainda se referiam a heróis antigos, a tantos séculos distantes do tempo em que circulou o mito, que jamais alguém seria capaz de verificar a precisão das histórias.

Em marcante contraste, as histórias acerca de Jesus começaram a ser narradas imediatamente durante a sua vida e nas décadas que se seguiram, sendo colocadas, como descobrimos em unidades anteriores, em forma escrita depois de mais ou menos trinta anos da morte de Jesus.

Esse foi um período em que testemunhas oculares hostis à vida de Jesus ainda permaneciam em Israel e poderiam muito facilmente ter desmascarado esses relatos se eles fossem falsos. Na verdade há um curioso, mas importante, testemunho indireto da realidade do ministério miraculoso de Jesus em alguns dos escritos judaicos posteriores, a Mishná e o Talmude, que codificaram e colocaram por escrito muitas das tradições orais que começaram a circular no tempo de Jesus. Lemos em diversos lugares desses escritos judaicos, a partir de uma perspectiva judaica, isto é, uma perspectiva judaica não cristã, que Jesus era um feiticeiro, um mágico que levou Israel a desviar-se.

Até mesmo o historiador judeu Josefo, do primeiro século, nota que se atribuíam milagres a Jesus. Aparentemente, esses outros historiadores e coletores da tradição sabiam não poder contestar que Jesus tinha a reputação de fazer milagres e exorcizar demônios; eles meramente tentaram explicar a origem do Seu poder de uma maneira diferente.

De fato, a primeira ocasião conhecida de tal afirmação aparece nos próprios Evangelhos — em Marcos 3 e Mateus 12, em relatos paralelos nos quais Jesus é acusado de exorcizar pelo poder de Belzebu, ou Satanás, e não pelo poder de Deus. Existe boa razão histórica, portanto, para acreditar na autenticidade dos relatos de milagres: Jesus, um curandeiro, curando de uma grande variedade de doenças. Entretanto, precisamos ter o cuidado de não sobrepor um padrão rígido aos milagres de cura de Jesus. Em João 5, por exemplo, há uma ocasião destacada em que Jesus encontra uma grande multidão de pessoas doentes à beira do tanque de Betesda,

todas esperando para serem curadas, e Ele só cura uma delas. Aparentemente, Ele escolhe quando e quem curar de acordo com a vontade e o tempo soberanos de Deus.

D. Histórias de pronunciamento

Marcos 2 forma uma transição para o próximo conjunto de ilustrações do ministério galileu de Jesus fornecido pelos escritores dos Evangelhos Sinópticos: uma série de histórias que, frequentemente, os estudiosos denominaram histórias de pronunciamento, porque culminavam em um importante pronunciamento curto, quase proverbial, de Jesus.

A primeira delas é, na verdade, uma combinação de uma cura — Marcos 2.1-12, a famosa cura do paraplégico — e uma história de pronunciamento. Mas esta última parece ser o clímax e o elemento mais importante porque, Jesus pronuncia o perdão dos pecados desse homem. Ele curou sua doença física, mas o mais escandaloso foi o seu pronunciamento como que divino de perdão dos pecados do homem. De fato, é o poder de operar a cura que justifica essa afirmação de ser capaz de fazer o que os judeus acreditavam que, em última análise, somente Deus tinha o direito de fazer — portanto, no mínimo uma reivindicação implícita de divindade, dos atributos e das prerrogativas do divino.

As histórias de pronunciamento subsequentes talvez não sejam tão dramáticas ou radicais quanto essa; contudo, todas apontam, de alguma maneira, novamente para a novidade de Jesus sobre as velhas formas de judaísmo, mas também criam, de modo contundente, algum tipo de conflito ou controvérsia com os líderes judeus. Seu pronunciamento de que não são os justos que precisam de cura, mas os doentes; Seu pronunciamento de que o próprio Filho do Homem é Senhor até mesmo sobre o sábado: desafiando, de variadas maneiras — por meio de ensinamentos sobre o que poderia e o que não poderia ser feito, por meio da cura — as várias interpretações orais da lei judaica e, portanto, preparando o cenário para conflitos com as autoridades no início da carreira de Jesus, que, embora pudessem ser mais ou menos intensos, acabariam culminando em Sua prisão e crucificação. A maior parte de Marcos 3 também trata de mais uma controvérsia acerca de Sua capacidade de curar e exorcizar, à qual já foi aludido.

E. Discipulado e oposição

Mas, nesse contexto, Marcos 3 enquadra a controvérsia com os

fariseus e os escribas com referências à questão de quem é a verdadeira família de Jesus. Já no início, em Marcos 1.16-20, lemos da versão sinóptica do chamado dos primeiros discípulos de Jesus; e, de João 1, nos lembramos de que essa não é, necessariamente, a primeira vez em que os seguidores de Jesus o haviam encontrado. Mas é em Marcos 3, aparentemente a uma certa distância do início do ministério de Jesus na Galileia, em que pela primeira vez nos são dados os nomes de todos os Doze, quando então, aparentemente, é feito o chamado formal aos seguidores de Jesus, e a partir desse ponto esses Doze não farão outra coisa senão seguir Jesus para quase todos os lugares aonde Ele for.

Os rabinos eram comumente conhecidos por terem discípulos nos dias de Jesus e décadas e séculos depois disso, mas o que era marcante acerca de Jesus era que Ele havia tomado a iniciativa de chamar os discípulos, e não o contrário. Também era marcante Ele ter chamado doze, o mesmo número que as tribos de Israel; quase certamente, essa era uma implicação de que Jesus estava constituindo ou reconstituindo um novo ou verdadeiro Israel. Somente quando as pessoas forem ter com Ele, no lugar da lei judaica, elas terão um relacionamento correto com Deus.

F. As parábolas

O grande ministério de Jesus na Galileia nos introduz à forma literária ou porção final dos ensinamentos de Jesus em Marcos 4 (e paralelos), que é, em grande parte, um capítulo cheio de ensinamentos por parábolas. A parábola, uma história curta, concebida para transmitir com perspicácia retórica uma importante verdade teológica, era uma forma rabínica conhecida. Mas os rabinos a usavam principalmente para exegese e interpretação das Escrituras, enquanto Jesus a usava para dar explicações acerca do reino de Deus, do reinado ou governo dinâmico de Deus, que interfere na história humana por meio do ministério de Jesus.

Marcos 4.11-12 descreve o propósito ou a estratégia de Jesus para o ensino por parábolas e, paradoxalmente, não havia uma função apenas de iluminação — revelação da verdade —, mas havia também uma função de ocultamento, pois Jesus explica que os iniciados, Seus discípulos e os outros junto a eles que estavam abertos a Jesus, à Sua pessoa e às Suas afirmações, obterão uma compreensão adicional acerca do reino por meio dessa forma de ensino; mas, para aqueles que estão de fora, Ele diz tudo por meio de parábolas.

Então, Ele passa a aludir a, e a citar partes de, Isaías 6 — [que diz] que Ele fala com estranhos por parábolas para que não ouçam e entendam, vejam e percebam, se transformem e sejam perdoados. O que está acontecendo aqui? Bem, no contexto de Isaías está claro que certos tipos de discurso profético e, por vezes, enigmáticos, podem ser usados por Deus para confirmar em juízo aqueles que já começaram a resistir à Sua vontade. Não se trata de uma predestinação irreconciliável à vida eterna sem Cristo. Isaías 6 termina com uma profecia do retorno de um remanescente e, desde que essas pessoas estejam abertas a Jesus, elas poderão voltar para Ele.

Talvez valha a pena comentar aqui que, no contexto de Marcos 3 e nas passagens paralelas de Mateus 12 e Lucas 11, aprendemos acerca de um pecado imperdoável denominado blasfêmia contra o Espírito Santo. No contexto, não se diz que ele tenha realmente acontecido, mas que os adversários de Jesus corriam o perigo de praticá-lo e aqueles a quem é dado esse forte aviso não são os Seus seguidores — não são os Seus pretensos seguidores, nem mesmo inquiridores interessados, mas aqueles que não seguiram Jesus, mas se opuseram a Ele virtualmente desde o início do seu ministério e continuarão a pregá-lo implacavelmente na cruz. Nenhuma passagem do ministério de Jesus ou de qualquer um dos Evangelhos, seja nas parábolas ou no ensino mais simples, jamais diz que quem genuinamente quer se tornar um seguidor de Jesus é impedido de fazê-lo nesta vida.

G. Respostas ao Reino

As parábolas também nos apresentam à função reveladora de explicar o reino de Deus — a parábola do semeador que descreve as várias respostas ao reino. Nem todos responderão positivamente, mas alguns — talvez um número surpreendentemente grande — o farão: A semente crescendo secretamente, que descreve como nós não compreendemos como a semente espiritual de Deus se enraíza e cresce ao longo desta vida e, contudo, uma colheita está assegurada; em Mateus 13, o relato paralelo do trigo e do joio e a parábola da rede, que prometia o triunfo do reino de Jesus, apesar de muitas formas de oposição; as pequenas parábolas do fermento e da semente de mostarda, também encontradas em Mateus e em outros lugares do Evangelho de Lucas; a promessa do crescimento do reino a proporções surpreendentes, apesar de um início pouco auspicioso; e, de volta ao Evangelho de Marcos, a parábola da lâmpada e de sua necessidade de não ser escondida sob o alqueire, de modo que todos pudessem ouvi-las.

Essas e outras parábolas, apesar de suas funções às vezes enigmáticas, que exigiam que Jesus as ilustrasse, explicasse e decodificasse, também davam — de maneiras muito práticas e palpáveis — explicações para os camponeses judeus galileus do primeiro século, acerca do entendimento que Jesus tinha do significado do reino de Deus.

Aprendizagem cristocêntrica— a qualquer momento, em qualquer lugar